

# A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXII

Semanário regionalista

N.º 676

Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*  
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:  
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu  
Figueiró dos Vinhos

## Marinheiros franceses no Tejo

Dr. Acácio de Paiva

Bemvindos

*sejam os Artistas*

Por iniciativa das Câmaras Municipais do nosso distrito, foi prestada no passado dia 4 do corrente, dia do 2.º aniversário da sua posse, ao sr. dr. Acácio de Paiva, ilustre Governador Civil de Leiria, uma simpática manifestação.

A esta justa e merecida homenagem, associaram-se as autoridades militares, religiosas, Legião, muito clero e a União Nacional de Leiria.

A homenagem que teve lugar no salão nobre do Governo Civil, como os jornais de grande circulação já se referiram, por todos os oradores, foram bem vinda, as altas qualidades, morais, cívicas e de inteligência, que exornam o sr. Governador Civil não esquecendo a forma brilhante como tem dirigido o distrito.

Finalmente o sr. comandante da Legião do Distrito sr. Protes da Fonseca, entregou ao homenageado a medalha de ouro com que a Legião Portuguesa o distinguiu.

«A Regeneração» órgão do Estado Novo, associa-se de bom grado a esta homenagem e com tanto mais prazer quanto é certo que é-lhe sempre agradável publicar nas suas colunas manifestações desta natureza sobretudo quando se trata de novos, como o dr. Acácio de Paiva que à Causa Nacionalista, vem prestando uma acção notável, como foi bem salientada por todos os oradores na referida homenagem.

## Subsídio

de 50.000\$00

A Câmara Municipal, foi concedido um subsídio de 50.000\$00 para a organização de uma Corporação de Bombeiros.

## CRISE EUROPEIA

«Quando atento na profundidade da crise que a Europa atravessa e vejo que o remédio mais imediato é, para alguns de nós, a existência de três, seis ou dez partidos, um Parlamento tumultuoso e um Governo paralizado pela pressão de elementos contraditórios, não posso deixar de considerar a desproporção entre o mal e os remédios e verificar com profunda tristeza a cegueira dos homens».

Salazar na 1 Conferência da União Nacional.

sua presença no Tejo, renovada a sua vida, reconstituída a sua força material e sobretudo espiritual. Essa presença, assinalada aos olhos dos portugueses pela bandeira tricolor, significa a vivência do espírito latino no Mundo, a verdade do prestígio da França e, agora como sempre, a certeza de que, no quadro das relações internacionais um grande poder mediador e uma poderosa força espiritual marcam o centro geográfico da civilização cristã, como o seu porta-bandeira fundado no Tejo, fulgurante e imorredoura.

A lição da história e o lugar que nela desempenham Portugal e a França repete-se com júbilo diante do que dissemos e do símbolo fundado no Tejo, — o «Richelieu».

A guerra terminou há pouco mais de um ano. Acastelam-se no horizonte névens que os ventos do Oriente arrastam para a Europa e que é preciso esboçar, sob o signo do Direito.

No entanto, Lisboa, porto de paz, recebe a visita das esquadras dos maiores países do Velho e do Novo Mundo, afirmando assim a serenidade da civilização europeia e cristã nas duas margens do Atlântico.

Dr. Simões Barreiros

Regressou de Lisboa, onde foi assistir à I Conferência da União Nacional, o sr. dr. Simões Barreiros, nosso querido Director e presidente da Câmara Municipal do nosso concelho.

## Saneamento

### da Vila

Segundo nos informam a Câmara Municipal do nosso concelho, vai encarar de frente, o problema dos esgotos da nossa vila.

É uma novidade que damos e que vai certamente calar bem no espírito de todos, pois dado o desenvolvimento que a vila já hoje tem, impõe-se o estabelecimento completo e perfeito da rede de esgotos. Feita esta obra e com a distribuição de água ao domicílio que já possuímos, acerca de dez anos, Figueiró fica desfrutando toros de cidade.

José Contente, pintor já consagrado no nosso meio artístico, veio, no começo deste garrido outono, visitar o seu amigo Luiz Pinto, artista também.

Passou uns dias na acolhedora vivenda «Casal de Santo António», situada na soalhenta encosta do Cabeço do Peão que domina a nossa vila e arrabaldes e o vastíssimo e grandioso panorama das serranias que nos cercam.

Dedicou-se inteiramente à sua

## Capitão

Manuel Coentro

Ao sr. Capitão Manuel Coentro, ilustre chefe do gabinete do sr. Ministro do Interior foram oferecidas as insígnias de Comendador da Ordem de Beneficência pelos Governadores Cívicos do País tendo feito a imposição das mesmas o ilustre titular daquela pasta no passado dia 11.

«A Regeneração» felicita sua ex.ª pela justa e merecida homenagem que lhe prestaram.

## Palavras

do sr. dr. Marcelo Caetano

O Governo do Estado Novo não governa para um eleitorado, para um partido ou para uma classe, governa para o povo e pelo povo.

Sá Simões de Almeida

Foi nomeado chefe da Secção de Finanças no Concelho de Vila Flor —Traz os Montes— o nosso amigo Sá Simões de Almeida, inteligente funcionário que exerceu o cargo de aspirante na Secção de Finanças do vizinho concelho de Castanheira de Pera.

«A Regeneração» cumprimenta o sr. Sá Simões de Almeida e felicita-o pelo novo cargo que lhe foi confiado.

Francisco Pires

Foi colocado na Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Vila Nova de Gaia, este nosso conterrâneo, amigo e colaborador, que exerceu últimamente as mesmas funções no concelho de Portalegre.

Felicitemos o sr. Francisco Pires pelo êxito das suas aspirações.

arte, pintando ora numa ora noutra tela, para aproveitar a luz da manhã e da tarde, na áncia absorvente de não perder um momento.

Enquanto ultimava um dos seus primorosos quadros tivemos o grande prazer de vê-lo pintar e de ouvi-lo.

Falou-nos de Mestre Malhoda—(e por tal forma) que nos deixou a impressão de que vem a esta terra onde o Mestre viveu, concebido e realizou as suas melhores obras, as quais se destacam entre as mais célebres da pintura portuguesa, com a religiosa devoção de um crônte que, cheio de fé, vai ajoelhar e resar em terra agrada.

Falou, depois, da nossa região e disse que, quando aqui veio, pela primeira vez, ficou encantado e a compreender a preferência do glorioso Mestre por este recanto atraente que escolheu para fazer o seu «Casulo» onde viveu os dias mais felizes da sua vida, todo entregue à sua Arte, até que a morte no-lo roubou; onde paira a sombra e se respira o perfume espiritual do «mais português dos pintores portugueses».

É que, ia conversando, a luz do outono e da primavera é diferente aqui, tem qualquer coisa de inexplicável que seduz e fascina o Artista e o convida a pintar; a exuberante policromia da paisagem, de cambiantes tão variadas na primavera e no outono, tem tonalidades de sonho; as cores caem-se aqui, por forma a extasiar e perturbar o artista dando-lhe, a estranha impressão de que tem valores diferentes daqueles que o inspiraram noutros lugares onde pintou; os longes são maravilhosos; as serranias que barram o horizonte são empolgantes e magestosas, quer batidas pelo sol que destaca, com pinceladas de luz, o seu manto colorido de vegetação, quer nimbados de crepusculo azul, róxo ou bronzeado à medida que o sol se vai escondendo por de traz de rubros pontos fantásticos.

Depois... contou:

Há tempo que tive conhecimento de que estava à venda uma casa na nossa vila, mas quando me foi possível transmitir ao Amigo Luiz Pinto a ambição de a comprar, colhi a informação de que já tinha sido vendida. Foi uma contrariedade para mim e para minha mulher que, também, muito desejava ter aqui

(Continua na 2.ª página)

Dr. Emídio Moreira

Foi nomeado médico privado da Casa do Povo desta vila o sr. dr. Emídio Moreira que já, acerca de um ano, vinha exercendo interinamente o referido lugar.

# COISAS DA VIDA

XVIII

## U M C Ã O

Numa revista francesa lemos há dias um artigo com o título acima e que por interessante passamos a transcrever em parte.

### Bobby

«Há perto de cem anos faleceu em Edimburgo um homem que possuía um cãozinho *terrier*.

No quarto dia, depois do funeral, Bobby apareceu à uma hora depois do meio dia numa casa de pasto de que o falecido tinha sido freguês.

O dono da casa reconheceu-o, e deu-lhe um bolo e um osso apetitoso. No dia seguinte à mesma hora Bobby voltou e foi servido com a mesma bondade.

Curioso de saber por onde andava o cãozinho, o dono do restaurante seguiu-o e descobriu que ele vivia na campa do dono.

Tentaram por várias maneiras tirá-lo dali para lugar mais confortável, mas não o conseguiram. Experimentaram prendê-lo, mas o ani-

malzinho uivava tão dolorosamente que o soltaram. E duradte catorze anos Bobby continuou a viver sobre a campa do dono, só saindo dali, para ir tomar a refeição do meio dia ou em tempo de inverno para buscar lugar mais abrigado no mesmo cemitério.

Quando ao fim desses catorze anos, Bobby morreu, foi sepultado perto do dono, e a sepultura assinalada por uma roseira.»

Na parte velha do cemitério de Santo António dos Olivais em Coimbra também se vê junto duma lápide sobre uma sepultura, esculpido um cão em expressão dolente, chorosa e que segundo nos dizem tem a mesma história.

Conseguia escalar os muros altos do cemitério, vivendo em cima da sepultura do seu dono até que também morreu.

Esta fidelidade sem limites lhe mereceu a escultura que ainda ali existe junto à lápide tumular.

Todas estas considerações porém, fazem eco na minha vida distante, e me despertam sentimentos de ternura e saudade. Lembra-me a história do meu Tiori.

Era um podengo de linhas esbeltas, formas luzidias, meia traça, malhado de preto e branco.

Habitara-se ao dono e ao cavalo desde pequenino. — Mal tinha palmos e meio e já pretendia seguir-nos a toda a parte. Era preciso detê-lo em casa algum tempo após a saída. Não obstante, o faro ou o pressentimento já lhe indicava o rumo, e, num dado ponto do caminho, lá aparecia todo a afagar, a cauda encarcacolada, as patitas num dobar constante, a orelhita fitada, mal assomando por entre as pedras do caminho, lépido, constante no encontro realizado.

As viagens mais arriscadas eram as da serra, desde Campêlo aos Fetais Cimeiros, e desde início mostrou o valor da raça.

Em dia de pleno inverno e fortes aguaceiros, tive de atravessar a cavalo um riacho que no momento tomara proporções caudalosas.

O cavalo que era pessante teve de atravessar com o cavaleiro. Não desci a tomar comigo o ainda animalculo canídeo, que ficou na margem oposta em latidos suplicantes. Que voltasse para casa e prossegui. Quando no dia seguinte regresssei a casa, Tiori não havia chegado ainda e nem apareceu durante aquela semana. Morrera...! nem outro o nosso pensamento com o nosso pesar.

Eis se não quando, dias depois nos surpreende alegremente com seu retorno. Vinha magro, combalido, tiritante, num rosnar que significava dizer de muitas aflições.

Certamente, escolhera um vau por onde pretendia passar mas é levado no impulso da corrente, e dentro em pouco, num despenhadeiro passa cascatas alcantiladas de grande altura.

E nesta luta desigual dos elementos o infantil canídeo consegue escapar-se e vencer ainda as inclemências, os precipícios, a distância, a fome e oito dias depois chega a casa.

Foi tratado como seu estado exigia: embrulhado em pano de flanela, em cama fofa e uma sopa substanciosa e quente.

Dias depois estava curado e convalescido.

Foi crescendo e sobretudo tornou-se adulto.

(Continua na 3.ª página)

## Luto-ligeiro

Como a Primavera o Outono é a estação em que os campos e jardins se apresentam debalxo do mais belo aspecto. O reino vegetal toma nestas duas quadras as mais estranhas cores.

A natureza nasce com a Primavera; o verde viçoso anima o recanto mais monótono da terra.

Agora é tempo. Quereis assistir a um espectáculo maravilhoso? Subi ao Cabeço do Peão, ide contemplar os últimos momentos, o derradeiro suspiro da natureza. Vai morrer!

Lá de cima vereis prestes a entrar na tumba o seu cadáver. Sentireis os primeiros frios, é o frio da morte que o vento norte arrasta consigo.

Não é vento, é o estertor da moribunda.

Mas vede, admirai, com que mortalha magestosa a triste natureza se não adornou Quem a vestiu?

Manto de folhas amarelas são a imagem da cadavérica cor, folhas vermelhas as opas dos irmãos que não a deixam ir sôzinha, caem e morrem

Folhas que tomam as mais exóticas cores espulham se por todos os lados as dos castanheiros, plátanos, as avermelhadas parras da videira e tantas outras que se misturam com o verde-luto da oliveira e laranja às quais o verão de S. Martinho veio trazer um ligeiro calor, para lhes incutir ânimo, coragem a resistirem à próxima invernã.

Paisagem grandiosa e triste, prenúncio da morte do grande reino das plantas.

Eis o Outono que vai ser rendido pelo seu irmão Inverno que dominará impia e implacavelmente sobre todos os seres vivos e mortos cobrindo-os com o seu alvo manto de neve.

Rosa

## Vida Religiosa

### Festa das Almas

Como de costume relizou-se na Igreja Matriz da nossa vila, no dia 2 do corrente a Festa das Almas. Celebraram-se várias missas que tiveram início às 7 horas da manhã.

Às 11 horas começaram os officios próprios do dia.

À tarde fez-se a procissão ao cemitério em que se incorporaram muitas pessoas.

Abrilhou a festa a Banda Municipal.

### Festa do S. C. de Jesus

Realizou-se no passado domingo a festa do Sagrado Coração de Jesus, que se revestiu de muito brilho e solenidade.

Durante a semana e como preparação para a festa, celebraram-se conferências próprias de que foi prégador o Ex.<sup>mo</sup> R.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Gurza, que usando de forma simples e clara tratou de vários temas religiosos que pelo seu interesse e conhecimento atraíram todas as noites à nossa Igreja Matriz grande número de fiéis.

## Augusto Caetano

COM

Automóvel de Aluguer na praça de

Figueiró dos Vinhos

TELEF. N.º 21

# Dos nossos Estudantes

«A negra e meiga capa dos estudantes é o sagrado símbolo do Amor»

### Uma Latada!

A população atrai à passagem de dois caloiros que se dirigiam para o Pátio da Universidade onde se deviam reunir por volta das quatro horas os restantes. Um deles vai de capa e batina, com umas seculares lunetas e duas grandes latas que serviriam de pratos quando comesse o infernal barulho; o outro leva um capote alentejano e um chapéu à lã e uma lata de tinta muito velha. Chegamos lá já o barulho das latas é tal que parece estarmos em plena Queima das Fitas, contudo somos recebidos com palmas, testemunho de gratidão dos nossos irmãos caloiros.

Uns estão à paisana mas breve têm que arregaçar as calças até ao joelho e virar o casaco do avesso; outros de capa e batina fazem o mesmo, ficam viradinhos do avesso; outros de capotes, chapéus altos, pijamas, etc. enfim se o Carnaval estivesse à porta diâmos que este ano êle vinha mais cedo. Os doutores vêm e organiza-se o cortejo que vai em direcção à Baixa. De todas as janelas surgem as pequenas, os pequenos, velhos e velhas, tudo a apreciar o espectáculo barulhento que ia pelas ruas «pi da baixo». Chegamos à Portagem fazendo grande algazarra e entramos na Ferreira Borges onde os caloiros com as suas piadas, gritos, etc. e tal animaram toda a gente e está claro os Zés Pereiras tocavam a compasso com as velhos, barulhentas e ferrugentas latas! Parámos em frente ao Palácio da Justiça—a nossa casa—como lhe chamaram os doutores, e alguns destes fizeram-lhe as respectivas saudações, discursando em tom grave e solene. Voltámos novamente pela baixa (mas não é a do sapateiro) e fomos ao António Ladrão provar as águas, pagas pelos doutores que puseram grelo. O caloiro Barrocas teve que deitar vinho a uns e a outros e ao fim e ao cabo teve que ir com o companheiro, caloiro Óbradinho, levar à Rua do Museu um vaso que um doutor por força de expressão lhe chamava cinzeiro.

### Numa República

— Caloiro! Suba as escadas a quatro. E o pobre caloiro Barrocas lá vai com as mãos e com os pés subindo a ingreme escada.

—Vá medir aquela banheira que está cheia de água com uma colher de chá. O caloiro está seguramente duas horas a despejar a dita.

— Esconda-se dentro daquela caixa de fosforos. O caloiro, encolhe-se, torce-se, faz-se de mil côres e por fim consegue meter a ponta dum dos seus ramalhos chifres.

—Faça de dicionário e diga as mil e uma maneiras de estrelar ovos. Está claro que o caloiro vem ata, vem desata, tenta ficar estrelado e vê as estrelas.

—Faça um discurso sob o o título «Rectangulização do momento. Hipóteses pitagónicas». O caloiro alude, os quadrados, rectangulos, prevê um futuro hipsobarométrico, fala da influencia da pomada para os calos na comichão do nariz, faz a apologia da puga voadora, finalmente ataca, pedindo providências, o barulho feito pelos gatos altas horas da noite. Em último lugar e para acabar a mobilização, mandam-no ir à Baixa comprar uma caixa de fósforas com um cêsto de pão muito grande.

### Convite

Agrademos a todos os Académicos Figueirenses a sua valiosa colaboração, esperando que nos enviem os seus artigos, sugestões etc. para que a página dos nossos estudantes prossiga e se torne um atractivo para aqueles que compreendem a nossa vida de estudante ou pelo menos para aqueles que por lá passaram e queiram recordar a Coimbra do Mondego. Cá esperamos.

Em nota final devemos dizer que à passagem, na Rua da Sofia, pela Agência de Sernache, encontramos pessoas conhecidas de Figueiró que ficaram muito envergonhadas e confundiram o caloiro do capote com um colega de casaco pelo avesso.

## Máscaras ao serviço duma falsa amizade!

Sem ser por andar na moda o falar em Anonimatos e sem fazer de «A Regeneração» espelho de imagens cujos corpos são repugnantes e imbecis como neste caso que vou apontar, mas apenas para «desabafar», eis a razão porque venho falar convosco.

E' de lamentar que tenha de me referir a pessoas da nossa vila, ou outras que não sendo de cá vivem nesta terra tão linda e acolhedora a quem a natureza dedicou os seus melhores encantos e por onde distribuiu alguns seres tão inconscientes como aqueles a que me vou referir.

Escrevo não para os repreender mas para que os restantes observem e pensem no acto vergenhoso que os primeiros vem fazendo. E digo, não é para os repreender porque não vale a pena pois a razão dá-a o povo quando diz «Burros Velhos não tomam ensino.»

Sabeis a quem me refiro? Refiro-me aquelas pessoas que na ausencia dum amigo ou melhor dum pseudo-amigo travam acerca dele uma

conversa cuja função é exclusivamente a de malsinar para denegrir. São capazes de tudo, merecem todos os nomes.

São daninhos porque prejudicam o semelhante, são ladrões porque roubam a honra e a dignidade, são assassinos porque quem faz com que alguém morra para o seu amigo, embora com palavras, mata-o. Mas ainda mais, são uns hipócritas, uns fingidos, uns cobardes, uns verdadeiros pintores...

Na presença dos ofendidos nada se nota, o que tem a dizer aos outros, porque não o dizem a quem suporta tais calúnias.

Não querem ser abrangidos pela sua amizade? De-prezem-no, lembrando-se que «quem com ferros mata, com ferros morre». Porque não se portam como homens? Querem ser como certas mulheres? Sim, certas mulheres, pois na nossa terra existe uma comissão de tesoura que não poupa, saias, calças, batas, batinas, guarda-pós e sobretudo os capos negros por quem falo. Pintam quadros tão berrantes e sem fundo

## Bemvidos sejam os Artistas

(Conclusão da 1.ª página)

uma casita onde viessemos repousar umas temporadas com a nossa filha. Mas não perdi a esperança de vir a fazer «ninho» nesta terra de tão aliciantes atractivos para mim; espero gozar aqui, também, dias felizes inteiramente dedicado à minha querida arte...

Ouvimos, deliciado, a revelação que divulgamos, sem pedir licença, com a certeza de que não nos será levado a mal a inconfidência, atendendo à intenção que nos anima.

Pensamos em que é de lançar a ideia de construir na nossa vila um «Bairro de Artistas».

A Câmara Municipal oferecerá aos que aqui desejassem vir inspirar-se as maiores facilidades possíveis, indo até à participação nas construções das moradias, se isso fosse compatível com os seus rendimentos.

Assim, teria José Contente possibilidade de realizar o seu sonho e outros artistas poderiam vir honrar também a nossa vila.

Seria uma atitude que nobilitaria a Câmara e que não colidiria com os interesses municipais que lhe cumpre zelar e defender; antes se harmonizaria com eles. Para o justificar basta que se lembre o renome que Mestre Malhó deu a Figueiró dos Vinhos, que imortalizou nas suas maravilhosas telas, e da excepcional valorização do nosso reduzido património artístico que enriqueceu com o precioso retábulo da nossa Igreja e com a encarnação do admirável «Cristo» de Simões de Almeida, outro grande Artista apaixonado da nossa terra que tem a honra de o contar entre os seus filhos mais ilustres.

Seria mais uma homenagem prestada à memória de Mestre Malhó, sempre viva no coração do nosso povo.

Seria, ainda, um gesto inédito (julgamos) e inimitável, pois que a luz, a cor, os horizontes, as flores e o ambiente de arte com que a natureza foi tão pródiga neste aprazível e formoso recanto, só aqui existem.

Aí fica o alvitre e nós ficamos certos de que ele encontrará éco e de que não foi uma ideia lançada ao vento.

# NOTÍCIAS DE Benguela

**Esteve em Benguela o Chefe da Colónia a fim de assistir ás festas de recepção ao navio-motor «Benguela»**

Acadendo ao convite que em nome da cidade lhe foi dirigido, e a fim de tomar parte nas festas de recepção ao navio-motor «Benguela» veio a esta cidade, pela primeira vez, no passado dia 14 de Outubro, o illustre Governador Geral de Angola, sr. Comandante Vasco Alves Lopes que se fazia acompanhar do seu official ás ordens, sr. tenente Prazeres e do comandante Uva Cansado, chefe da Divisão de Transportes Aéreos.

S. Ex.<sup>a</sup> que viajou de avião, pilotado pelo sr. comandante Uva Cansado, chegou ao aeródromo desta cidade por volta das 12 horas, onde era aguardado pelo sr. comandante Mário da Costa Zanati, governador desta provincia, dr. Sousa Franklin, meretíssimo juiz da comarca, dr. Abilio de Sousa, chefe dos Serviços de Saúde da Provincia, comandante militar, presidente e vogais da Câmara Municipal de Benguela, presidentes da Associação Comercial e do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio, funcionários, destacados elementos do nosso meio comercial e industrial, etc.

Depois dos cumprimentos e de passar revista à Guarda de Honra, composta por elementos da 9.<sup>a</sup> Companhia Indígena de Caçadores, dirigiu-se S. Ex.<sup>a</sup> para o Palácio do Governo onde ficou hospedado.

## A visita ao «Benguela»

Quis a Companhia Colonial de Navegação dar o nome desta laboriosa cidade a uma das suas novas unidades, num gesto de preito e homenagem à terra onde o illustre presidente do seu Conselho de Administração, sr. Bernardino Alves Correia viveu largos anos, assim, Benguela recebeu festivamente o novo navio que, embandeirado em arco e com a bandeira da cidade hasteada num dos mastros, aqui chegou por volta do meio dia.

Espevitada a curiosidade do público com o que se dizia acerca do novo navio, já por volta das 12 horas enorme multidão se acotovelava, enchendo quasi por completo a ponte-cais, ansiosa de admirar de visu, e toda esta gente se empurrava, sem respeito por senhoras e crianças, disputando com excessivo e perigoso entusiasmo a vez de ir a bordo.

A visita official ao «Benguela»

## Dos nossos Estudantes

que só a simpatia pode elevar pois a justiça destrói-os imediatamente. E' ali que a mentira encontra o seu melhor albergue, é ali que a infâmia tem o seu perfeito logradouro público, é ali que a inveracidade anda de braço dado com a calúnia mais torpe.

Mas basta!

Simplemente aqueles a que me refiro, escondendo velhos vícios e a fingir de isentos, com habilidades torpes e mesquinhas a pretender que figurem como puras e generosas verdades, a esses, a primeira coisa que temos a fazer e sem dó nem piedade é arrancar-lhes as máscaras com que andam disfarçados.

F. S. de C.

## ESCOLA DE MOTORISTAS

Sob a direcção do mecânico e instrutor Ramiro da Costa Rosa

**Habilitam-se senhoras e cavalheiros para condutor de auto-ligeiros e pesados**

**Pagamento por contracto ou á lição**

realizou-se por volta das 16 horas saindo S. Ex.<sup>a</sup> o Governador Geral e a comitiva da ponte cais no rebocador «Quanzé» da Administração do Porto do Lobito.

O «Benguela», é um belo e gracioso cargueiro de linhas modernas e elegantes onde tudo cheira a novo, com mais de 130 metros de comprimento, por 17 e tal de boca, deslocando 12.500 toneladas brutas 15 nós de velocidade, dispoñdo além de excelentes acomodações para o pessoal, de 8 magníficos camarotes para acomodação de 1 dúzia de passageiros, que v'io enriquecer a nossa reduzida marinha mercante.

Trata-se de uma das nossas mais lindas unidades, que deixou encantados todos quantos o visitaram.

O regresso da comitiva official realizou-se por volta das 18 horas, tendo em seguida o sr. comandante Alves Lopes presidido na Associação Comercial de Benguela a uma sessão de homenagem ao sr. Bernardino Alves Correia.

Benguela, terra ordeira e trabalhadora por índole e bairrista por excelência sabendo reconhecer como nenhuma outra as atenções que lhe são dispensadas, grata a todos aqueles que se lembram dela, não podia deixar passar este acontecimento sem que por qualquer forma manifestasse o seu reconhecimento e gratidão à C. C. N. e em particular ao presidente do seu Conselho de Administração, que não deve ter sido alheio à honra prestada à cidade, baptizando com o seu nome um dos seus novos barcos, assim, por volta das 19 horas, no gabinete da Direcção da Associação Comercial de Benguela, e presidida pelo sr. Comandante Alves Lopes, realizou-se uma sessão de homenagem ao sr. Bernardino Alves Correia, durante a qual foi, pelo inspector da C. C. N. sr. Albuquerque e Castro, descerrado o retrato deste illustre colonial e antigo benguelense, tendo usado da palavra o sr. dr. Gomes Ferreira, presidente da Câmara, o sr. Américo Aleixo, presidente da Associação Comercial e o sr. Governador Geral que no fim recebeu uma calorosa ovação, onde ia o reconhecimento da cidade por sua ex.<sup>a</sup> se ter dignado visitá-la.

## Vida Religiosa

No passado dia 12 e 13 de realizaram-se na igreja parochial da cidade, diversas cerimónias religiosas comemorando o aniversário da segunda aparição de Nossa Senhora de Fátima.

No dia 12, pelas 19 horas, depois de um sermão pregado pelo rev. padre Sherring, realizou-se uma procissão de velas em louvor de Nossa Senhora de Fátima, e em que se incorporaram algumas centenas de pessoas, sendo em seguida dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

No dia seguinte realizou-se a primeira comunhão de crianças indígenas, que decorreu com a solemnidade do costume.

Benguela, Outubro de 1946.

A.

## Coisas da vida

(Conclusão da 2.<sup>a</sup> página)

Era o pequeno gigante das serras. Num percurso de doze quilómetros de serra despovoada de casas e árvores, apenas mato, ventania que nunca falta e por vezes lobos, lá subiamos na madrugada de cada domingo. Umaz vezes, escuro como breu, outras, céu límpido, estrelado, Tiori lá ia à frente farejando, atravessando o caminho e batendo os matos.

Numa perspectiva de lobos arremetia, mas depois chegava-se ao cavalo; sentia-se pequeno para tão grandes vultos, que não fugiam ao seu latir.

Certa ocasião porém, era já dia, no vertice mesmo da serra, que mede 864 metros de altitude perto dos Malhadises, dá-se um caso insólito.

Os lobos haviam devorado uma cabra, deixando ainda parte dela.

Tiori que fora pela cheiro, voltara corrido por duas aves de rapina insólitas na região, e que se me afiguravam duas aeronaves sobretudo no tamanho da envergadura.

Tiori meteu-se à frente do cavalo e debaixo dele; não trazia armas nesse dia comigo e tive de travar lutas de cima do cavalo com o estio que desjava que na ocasião fosse ao menos um bom cacete.

Nunca mais vi ali semelhantes aves, maiores que os corvos e os milhafres grandes da terra; a travarem luta com um cão, um cavalo e cavaleiro, a voltarem depois à sua presa e a ficarem dominadoras nas alturas da serra...!

No escuro da noite, nas duras travessias e nas surpresas da serra, cavalo, cavaleiro e Tiori eram inseparáveis e formavam um bloco de defesa.

Eramos sobretudo amigos, compreendiamos-nos apesar de linguagem e entendimento diferentes.

Os animais são amigos do homem e parecem mesmo entrar na sua intimidade. Dão-nos lições de féis

## Domingos Duarte

Médico Municipal  
Sub-Delegado de Saúde

Figueiró dos Vinhos

## GELO

Vende qualquer quantidade a Misericórdia e Hospital de Figueiró dos Vinhos—Tel. 18

amigos, elas que nos servem sem raciocínio, nem esperanças de futuro, nem criados para o amor, ao passo que o homem com destinos superiores, avilta-se, degrada-se, descendo abaixo da condição animal no orgulho que não serve, na ingratidão, hipocrisia, traição, na vingança é no ódio.

E continuamos nós, três companheiros leais, numa lealdade nunca desmentida.

Certa manhã, na travessia de costume, no descampado da serra, Tiori que aparecia e desaparecia com frequência à frente do cavalo, atravessando o caminho e prescurtando o terreno à direita e à esquerda, deixa este modo de ser habitual. As manchitas brancas já se não avistam céleres de lado para lado.

Chegado ao paradeiro do costume Teori não aparece. Rompe o dia, faz-se claro e Tiori que parecia religioso e assistia socegradamente à Missa, se o não obrigava a fazer a companhia ao cavalo, desta vez não aparece.

Drama semelhante ao primeiro e no mesmo local, mas desta vez porque motivo?

Os lobos nalguma imprudente arremetida te-lo-iam papado?

No final e de regresso, vínhamos na intriga curiosa do sucedido. Para casa, não; é firme lutador, não deserta;... Só tragédia, fatalismo... Assim fóra.

De repente ao dobrar um montículo, depara-se-nos atravessado no caminho hirtos com a rigidez da morte, a língua de fora laivada de vermelho-róxo.

Merrera envenenado por drogas que ali espalharam aos lobos e viera ainda para o caminho como único recurso que instintivamente sentira para não desaparecer ignoto da nossa companhia.

O cavalo quedara-se triste pesados; apeei-me para mais de perto observar o aspecto da morte; invadiu-nos uma forte emoção que a fidelidade nos serviços de três anos creou.

Proseguimos na viagem. Agora, só os dois; eu na mágoa e no sentimento de que se fora gente, haveria de ter sufrágios em favor.

O cavalo não sei; olhava-o triste, prendera-se ali; não se queria afastar e ao fazê-lo e daí até a casa foi tão vagaroso, cabisbaixo dolente e triste, que parecia por dom de ocasião ou pressentimento, entrar na compreensão das coisas e chorar membro de família

Diz-se que os animais não possuem sentimento nostálgico, de saudade, porque não têm alma intelectual, espiritual e psicológica. Mas, em compensação têm mais vibratil, afiado o sentimento que sem vir da razão, parece racional, sem provir duma alma mortal e psicológica, vem da mesma natureza, do instinto

Guiados por ele, os animais dão lições aos homens, que se despedaçam em requintes de ferocidade humana, havendo sido criados para o amor.

Coimbra, Outubro de 1946.

M. Gonçalves

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

## Caminho seguro

*Quando um país encontrou como Portugal, uma linha conveniente de pensamento e de acção política, assente em segura experiência. é desassazado trocá-la, aliás dissonantes, que se erguem das ruínas e das divisões da Europa a apregoar sistemas salvadores.*

Salazar na 1 Conferência da União Nacional.

## Sindicato Nacional do Pessoal da Construção Civil do Distrito de Leiria

A partir desta data até 24 do corrente está em reclamação na sede deste Sindicato Nacional o Orçamento Ordinário para 1947.

Os sócios aí o poderão examinar em todos os dias úteis das 15 às 18 horas.

Leiria, em 7 de Novembro de 1946

O Presidente da Direcção

a) José Rodrigues Romeiro

## Agradecimento

João da Silva Feitor (ausente), Luiz da Silva Feitor, Esposa e Filhos, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar à sua última morada, a sempre querida e chorada mãe, sogra e avó. Josefa da Conceição. A todos o nosso eterno reconhecimento.

## Companhia de Seguros COMERCIO E INDUSTRIA

Sede em Lisboa — R. dos Sapateiros, 23

Capital e Fundos de Reserva—47 mil contos

Sinistros pagos — 122 mil contos

Seguros em todos os Ramos

Agente em — Figueiró dos Vinhos

JOÃO GODINHO ROCHA

## Caça!!!

O maior sortido docentro em artigos de caça

Espingardas Minerva e Ugartechea de importação directa

Cartuxos carregados em Balança de Electro-Precisão

Preços especiais para revenda em competição com Lisboa ou Porto

## Casa Almeida

(Título registado)

12-8

Telefone 3423

Apartado 92

COIMBRA

# DA QUÉM TREVIM

Número 7

Página Regional de Castanheira de Pera

Ano I

Avença

Redigida por Luro &amp; Egar

## Obras

As obras da Nova Avenida, por agora, estão paradas, segundo nos parece. Porém, os montes de brita que aguardam nova época para serem colocados no piso, estão a ocupar de masiado espaço na Praça, prejudicando o movimento e dando mau aspecto ao local, especialmente por ser em frente dos Paços do Concelho. Não seria possível, com a ajuda de doishomens, mandar concentrar toda aquela brita junto ao muro do Pomar? Talvez que junta aí, ao comprimento do muro, viesse a ocupar um espaço mínimo, sem prejuizo da estética, como agora se nota.

Verifica-se ainda que ao lado da Avenida ficaram uns restos de pedras e que o piso parece não ter ficado convenientemente limpo e regularizado. Não seria possível alguém da Câmara começar já a tratar da nova artéria com carinho?

Mesmo aqueles materiais que estão no terreno destinado aos correios não poderiam ser mais bem arrumados arrumados enquanto este se não constroa?

São, afinal, uns pequenos nada que a boa vontade, mais dos funcionários que por vezes dos dirigentes, poderia suprir.

## SERVIÇOS DE CAMIONAGEM

Continuamos a não ter a camionete do correio a tempo e a horas e agora esta a notar-se uma outra falta importante. A camionete do Correio, uza fazer o transporte de tarifas do serviço combinado com a C. P. e quem utiliza estes serviços é porque pretende aproveitar-se da rapidez de transportes. Mas essa rapidez está a não existir, pois há tarifas que demoram bem mais de 7 a 8 dias primeiro que cá cheguem vindas do Porto, por exemplo. As remessas de pequena velocidade, nessas nem se fala, pois se até as de grande velocidade demoram como se fossem de pequena...

Os caminhos de ferro, são em parte os causadores de algumas destas deficiências, mas também por parte da Empresa combinada algumas culpas devem existir. Porque se não normaliza mais o serviço? Não há forma de se saber ao certo, quando a camionete vem ou não e por isso, muitas pessoas utilizam a camionete da Lousã especialmente para as remessas que vem do Norte.

Quando haverá possibilidade de; utilizando as carreiras que já temos teremos serviço normal?

Não se sabe, porque também não se sabe quem olha por estes serviços e pelo comprimento do que está esbalecido.

## Um incêndio em Castanheira de Pera

Parece um tema banal, impróprio para o artigo de fundo duma página regionalista. Contudo, bem apreciadas as coisas, trata-se dum assunto de elevada importância, e a atestá-lo, aí está o que se passou nesta vila no dia 9 deste mês. Relatar que deflagrou um incêndio nos barracões da Casa da Criança não tem interesse de maior, senão como notícia, mais ou menos pitoresca, e digo pitoresca, porque há sempre incidentes que dão vontade de rir, quando o sinistro não envolve prejuizos pessoais (mortes ou ferimentos graves): são uns banhos forçados que irritam quem os não sabe apanhar ou estar disposto a suportar; uns encontrões mais violentos, em quem gosta de estar pacificamente instalado a ver arder o que não lhe pertence; enfim, um sem número de pequenas coisas que geram ditos curiosos, porque, repetimo-lo, se trata dum incêndio de somenos importância, sem consequências de maior. Este foi o género do último incêndio de Castanheira de Pera, até à hora a que alinhavo. Todavia, assim como foi um caso de pouca monta, poderia ter sido um outro gravíssimo, com risco de pessoas e bens, capaz de lançar no mais lamentável luto, uma terra inteira. E, se isso sucedesse, que aconteceria? Uma só coisa: deixar arder!

Sem querer lembra-me um fogo que houve já há longos anos na Gestosa Fundeira, no qual morreram trágicamente carbonizadas uma mulher e duas filhas, além de ter ficado completamente destruída a casa em que essa triste família vivia.

E com essa recordação macabra, vem outra, que se tradus no grito da época: «Precisamos duns bombeiros, cá na terra». Esta «terra», devia referir-se, penso eu, a Castanheira de Pera. Não seria fácil quererem atribuir à Gestosa uma corporação de bombeiros, quando a sede do concelho a não tinha.

Pois bem, desde esse tristemente célebre incêndio já arderam fábricas e casas diversas, e de cada vez em que isso tem sucedido exclama-se sempre «Precisamos duns bombeiros cá na terra» ou então mais simplesmente «duma

agulheia cá na terra» visto que, se tanto for preciso, bombeiros somos nós todos. A boa vontade lá suprirá, em parte, a técnica do ataque racional a um incêndio.

A fogueirada nos barracões da Casa da Criança fez desviar o pensamento, e isto insensivelmente, para o edificio da Câmara Municipal, para o Hospital, e, em última análise para todas as outras casas.

Que condições possui Castanheira de Pera para dominar um incêndio violento em qualquer edificio, incluindo o dos Paços do Concelho? Eu não sei de nenhuma! Se as há, não têm sido postas à mostra. E é lamentável, meus senhores, que tenhamos de deixar arder, de ver destruir sem remissão aquilo que representa tanto dinheiro, e que com pouco dinheiro se salvaria. Em meu entender, e salvo melhor opinião à qual de muito boa vontade me submeto, devia tratar-se, mas para já, da aquisição duma boa mangueira, com uns 100 metros de comprido, que pudesse ligar-se às bocas de incêndio para aí espalhadas, e que não devem ser condenadas à pena de exposição pública, sem utilidade nem préstimo, além daquela que a limpeza e descarga periódica dos canos exigem.

E' Já que nisto falo, não quero deixar de dizer, que não incumbe exclusivamente à Câmara Municipal a compra dessa mangueira em que falei: é objecto para o qual todos nós devemos contribuir, pois é objecto que a todos nós pode muito bem ser preciso, quando menos o esperamos. Ninguém está livre de ver, dum momento para o outro a sua casa envolta em labaredas, por mais cuidados que haja.

Compre-se, portanto uma mangueira, resolvendo assim, em parte (bastante precária, aliás) a falta de água com que se luta de cada vez que uma casa ou qualquer propriedade se incendia. E, depois da mangueira, talvez não seja mau pensar-se a sério na instituição duma corporação de bombeiros cá na terra, tal como se reconhece ser necessidade há mais de vinte anos. E disse.

## MERCADO DE ANIMAIS BOMBEIROS

Em tempo, com ajuda alheia, iniciou-se um aterro atraz do Hospital para ali se instalar a feira de gado suino, única desta terra.

A obra, apesar de decorridos alguns anos, continua por acabar e, entretanto, os suinos continuam a estragar o que lhes apetece no recinto onde, especialmente ao domingo, se vêm mostrar. Não seria possível também dar rumo a esta obra?

Tanto desaterro que se tem feito e admira que para ali não tenham feito encaminhar as terras bastantes para acabar a obra e altear um pouco o muro de maneira a fazer um resguardo. Com um tudonadinha de boa vontade, já há muito que estaria a obra completa. E o público, não faltaria lá, desde que soubesse que o local de venda era mesmo aquele.

Depois de composto o artigo «Um Incêndio em Castanheira de Pera», fomos informados que para a organização da Corporação de Bombeiros da nossa terra, foram concedidos pelo Governo 50.000\$00.

A este subsídio nos referiremos no próximo número.

## NECESSIDADES...

Uma das principais necessidades cá da Castanheira é precisamente de um local apropriado onde se possam fazer as ditas... Já tem havido diversas tentativas para levar a cabo tão importante melhoramento, mas uma vez por um motivo outra por outro, a verdade é que continuamos na mesma. Especialmente ao domingo, dia de mercado, há bastantes pessoas que se vêm deveras embaraçadas sem terem onde possam satisfazer as suas necessidades fisiológicas. Isso além de lhes causar sério transtorno, pode até prejudicar a sua saúde. Em qualquer outra terra, há como defesa, ir a um café e utilizar-se aí do lavavo. Aqui há uns cafés mas não uzam disso. Há nos Paços dos Concelho instalações para os Funcionários e um ou outro conhecido, por favor, mas não é o bastante. Ora já é tempo que Castanheira de Pera que parece estar a querer reviver um pouco, olhe por essa importante necessidade e promova a instalação de modernas retretes para uso do público. Não faltam locais apropriados para tal construção e sem irmos muito longe, alvitramos um que nos parece satisfazer. Seria junto ao muro do Pomar na parte que dele ainda resta, onde se poderia fazer uma boa construção subterrânea, sem qualquer prejuizo, porque as entradas de cesso seriam feitas mesmo junto ao muro e a instalação poderia ficar para a parte de cá, debaixo da praça, sem prejuizo de ninguém. Local central e terreno camarário. Há simplesmente que deitar mãos há obra e executar o serviço. E não ficaria demasiado cara a construção com instalações para ambos os sexos. Se o alvitro tiver possibilidades de execução, como julgamos, ele aí fica. Se a Câmara, só por si, não tem fundos disponíveis para o empreendimento, há que solicitar a comparticipação do Estado e até de Particulares amantes da sua terra e prontos a satisfazer as suas necessidades. Esta é uma das mais importantes.

## Edificio dos correios

Consta que um industrial desta terra se propõe chamar a si a responsabilidade da construção do Edificio para os Correios, para que dessa maneira esta vila não continue a ter como estação telégrafo postal, o que mais se pode considerar de pardieiro. E' um acto digno de louvor que desejaríamos ver seguido por seus colegas noutras obras de reconhecido interesse para a terra.

Precedendo assim é que se verificaria o interesse que cada um lhe vota.

## Verão de São Martinho

Temos estado em pleno verão de São Martinho, com um solzinho de consular, porém o senhor frio é que tem sido bastante intenso obrigando já a agasalhos fortes e braseiras,